

TEMPORADA 2021 DO ZERO4 CINECLUBE: PROGRAMAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DURANTE A PANDEMIA

**RUBENS FABRICIO ANZOLIN¹; ANDRÉ DE LIMA BERZAGUI²; LAUREN
MATTIAZZI DILLI³; ROBERTO RIBEIRO MIRANDA COTTA⁴**

¹*Universidade Federal de Pelotas - rubensfabricioanzolin@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - a_berzagui@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas - laurenmdilli@hotmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas - robertormcotta@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O Zero4 Cineclube é um projeto de extensão do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Foi fundado em 2010 pelos estudantes Renato Cabral, Geisi Xavier e Eduardo Resign, sob coordenação da Profª Ivonete Pinto. Em 2020 passou a ser coordenado pelo Prof. Roberto Cotta, com a colaboração dos estudantes André Berzagui, Lauren Mattiazz Dilli e Rubens Fabricio Anzolin. Nos últimos 11 anos tem realizado mostras e sessões cinematográficas regulares, que visam contribuir com a formação de repertório da comunidade pelotense. O acesso aos filmes acontece de forma gratuita.

O cineclubismo nasceu no começo do século XX, na França, e só chegou ao Brasil no final dos anos 1920, quando o Chaplin Club foi fundado no Rio de Janeiro (BUTRUCE, 2003). Entretanto, na cidade de Pelotas tal prática só foi consolidada nos 1950, época em que Luis Fernando Lessa Freitas organizou as sessões do Círculo de Estudos Cinematográficos (RUBIRA, 2020). Desde então vários cineclubes foram promovidos, fomentando o contato do público com a produção cinematográfica mundial.

O Zero4 Cineclube possui uma posição estratégica no circuito exibidor local. O projeto tem como intuito levar aos espectadores um cinema não hegemônico, distante das salas de *shopping centers* e das plataformas de *streaming*. Em geral, são exibidas obras independentes que não recebem a devida atenção do circuito comercial, especialmente filmes brasileiros.

Antes da pandemia, as exibições ocorriam no Cine UFPel, sala de cinema da instituição. Porém, desde o ano passado as atividades têm sido promovidas de maneira remota. No primeiro semestre de 2021 foram realizadas três mostras temáticas e nove sessões, sempre acompanhadas por debates com críticos, pesquisadores e cineastas de diversas partes do país. Toda a programação pode ser acessada através do site oficial <www.zero4cineclube.wordpress.com>.

2. METODOLOGIA

A primeira temporada deste ano cobre um período de exibições entre 6 de abril e 22 de junho. Considerando o pensamento de Servano (s.d), que destaca o papel político e formador dos cineclubes, a curadoria do Zero4 viabilizou mostras temáticas que conectam o cinema brasileiro independente à produção cinematográfica alternativa mundo afora. Nesse viés, as atividades contêm um cunho artístico que coloca em discussão pautas importantes, tais como o feminismo, o abuso trabalhista, a memória e a religião, desenvolvidas através de obras realizadas em países distintos como Brasil, Tailândia, Camboja, Estados Unidos,

França e Japão.

A escolha dos filmes decorreu de um processo colaborativo entre orientador, bolsista e voluntários, mediante reuniões virtuais semanais. Tais encontros permitiram a concepção dos temas, a seleção dos filmes e a distribuição de tarefas, dentre elas a obtenção de direitos de exibição, o convite aos debatedores, a divulgação das atividades e o contato com os espectadores.

Ao todo, cada integrante sugeriu uma temática específica, elencando indicações de obras para comporem as sessões. Cada uma das mostras seguiu à risca pressupostos de inclusão, como a diversidade de raça, gênero e localidade dos cineastas e convidados, no intuito de exercer a função formadora que cabe aos cineclubes (SERVANO, s.d.). Depois da análise das propostas, os curadores discutiram os filmes, chegando ao total de três mostras, sendo cada uma delas formada por três sessões.

Às quartas-feiras a equipe do Zero4 envia mensagens para a lista de e-mails dos espectadores cadastrados, com informações sobre os filmes da semana, acesso às obras e ao debate. Às terças foram promovidas discussões ao vivo sobre os filmes semanais, com a presença de convidados especiais.

O cineclube também colaborou com a Semana Acadêmica das Artes Visuais da UFPel, participando de um cine-debate sobre o filme *Construção* (2020), curta universitário feito na própria instituição. A temporada contou ainda com a realização da mostra *Só quem vive sabe*, a convite do festival de cinema carioca Semana de Cinema. Nela foram exibidos dois curtas-metragens brasileiros contemporâneos: *As mulheres pensam* (2015), de Talita Araújo, e *Estado itinerante* (2016), de Ana Carolina Soares. Ambos trazem à tona experiências de opressão sofridas por mulheres e as dificuldades enfrentadas por elas em casa e no trabalho, confirmando as preocupações políticas e educativas do cineclube.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Zero4 Cineclube exibiu 18 obras nesta temporada, advindas dos mais variados continentes, divididas em três mostras específicas. Além disso, a presença da comunidade pelotense foi uma constante nos debates, ajudando a estabelecer um elo entre a universidade e as ações extensivas do projeto. Por fim, os debates virtuais foram transmitidos em tempo real e contaram com 624 visualizações até o dia 27 de julho de 2021. O trabalho de divulgação fez com que o cineclube alcançasse 210 inscritos em seu canal remoto. A maioria desses espectadores é formada por estudantes da UFPel e demais moradores de Pelotas.

Assim como em 2020, a programação do Zero4 Cineclube continuou de forma online. A primeira mostra foi denominada *Diante do outro*, composta por documentários que se debruçam sobre a relação entre quem filma e quem é filmado. De modo singular, cada obra revela a intensidade de partilhas e confrontos que brotam do processo criativo dos cineastas e seus entrevistados. As sessões ocorreram entre 21 de abril e 11 de maio. A primeira exibiu os filmes brasileiros

Jardim Nova Bahia (1971), de Aloysio Raulino, e *Theodorico, o imperador do sertão* (1978), de Eduardo Coutinho. O debate recebeu o crítico Eduardo Escorel. Dando sequência, os filmes exibidos foram o britânico *Meeting the man – James Baldwin in Paris* (1970), de Terence Dixon, e o americano *Retrato de Jason* (1967), de Shirley Clarke, acompanhados pelos comentários da pesquisadora Carla Italiano. A mostra foi encerrada com o brasileiro *Di* (1970), de Glauber Rocha, e o alemão *Um filme para Nick* (1980), de Wim Wenders e Nicholas Ray, discutidos pelo professor e crítico Fábio Feldman.

Logo depois, foi iniciada a mostra *A fé é cega*. Entre 12 de maio e 1 de junho foram promovidas três sessões. As exibições trouxeram obras que possuem como ponto de partida a crença na narrativa, sendo ela histórica, oral ou religiosa. O primeiro debate contou com o crítico Adriano Garrett, que discutiu o senegalês *Mossane* (1999), de Safi Faye, e o brasileiro *O viajante* (1999), de Paulo César Saraceni. Já o português *Branca de Neve* (2000), de João César Monteiro, e o americano *A dama na água* (2006), de M. Night Shyamalan, compuseram a segunda exibição e foram comentados pelo cineasta Rodrigo de Oliveira. Por último, a terceira sessão apresentou o tailandês *Objeto misterioso ao meio-dia* (2000), de Apichatpong Weerasethakul, e o japonês *Shara* (2003), de Naomi Kawase, debatidos pela professora Ursula Rösele.

A terceira e última mostra do semestre foi *Criar para não esquecer*. Realizada entre os dias 2 e 22 de junho, trouxe filmes que colocam a memória em primeiro plano e visam pensar o cinema como uma ferramenta de reescrita da história. A crítica Isabel Wittmann comentou a primeira sessão, composta pelo americano *A mulher melancia* (1996), de Cheryl Dunye, e o japonês *Depois da vida* (1998), de Hirokazu Kore-edo. A exibição seguinte apresentou o americano *Capitalismo: trabalho infantil* (2006), de Ken Jacobs, e o francês *Todas as histórias* (1988), de Jean-Luc Godard, comentados pelo crítico João Campos. Encerrando a mostra, a crítica Ana Júlia Silvino discutiu o brasileiro Konágxeka: o dilúvio Maxakali (2016), de Charles Bicalho e Isael Maxakali, e o cambojano *A imagem que falta* (2013), de Rithy Panh.

Ao lidar com um passado composto por lacunas e apagamentos, a invenção se faz presente em todas as obras selecionadas. De acordo com SERVANO (s.d.), “os cineclubes são espaços democráticos, educativos, políticos [...] que contribuem na formação de público, porque não só estimulam as pessoas a assistirem a obras audiovisuais, como também promovem rodas de discussões” (Online). Sendo assim, as exibições e os debates permitiram a ampliação de repertório do público. Através de comentários em tempo real, os espectadores puderam emitir opiniões, lançar perguntas e partilhar ideias com a equipe do Zero4 e os convidados especiais. Tal participação proporcionou o intercâmbio necessário à prática cineclubista e contribuiu para a formação de todas as partes envolvidas.

4. CONCLUSÕES

Em um cenário no qual a ciência tem sido cada vez mais negada, a educação pública sucateada e a produção cultural brasileira desvalorizada, o Zero4 Cineclube permanece exercendo seu papel de incentivo ao debate e à reflexão acerca do cinema e de seus modos de fazer e pensar. Além de atuar na formação dos estudantes de Cinema e Audiovisual da UFPel, o caráter extensionista cria um diálogo com a comunidade pelotense, proporcionando um intercâmbio de perspectivas sobre os filmes assistidos e debatidos.

O funcionamento *online* do projeto permitiu a participação de cineastas, pesquisadores e críticos de cinema de outras instituições e estados do Brasil, concedendo maior visibilidade ao projeto e à própria UFPel. Essa possibilidade auxilia na formação do olhar de cada um dos espectadores, uma vez que a interação abre espaço para a partilha de experiências e pontos de vista diversificados. Ademais, a gravação dos debates tornou-se um material de pesquisa, tendo relevância para a memória do projeto e sendo acessível aos estudos realizados na área.

A proposta de acesso a obras pouco conhecidas pela comunidade pelotense também favorece uma programação com diversidade de raça, gênero e nacionalidade. Essa pluralidade é cada vez mais necessária para perceber como as desigualdades sociais ainda se fazem presentes no meio cultural e o quanto rico é o encontro com modos não hegemônicos de realização cinematográfica.

Sendo assim, o Zero4 Cineclube mantém seu compromisso com o papel educacional da Universidade Federal de Pelotas, gerando uma aproximação com a comunidade local. Ao promover sessões de cinema e debates gratuitos, as atividades do projeto são uma oportunidade de formação curatorial dos alunos envolvidos e uma forma de discussão coletiva sobre a arte como um fator de reflexão social e política.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTRUCE, D. **Cineclubismo no Brasil: esboço de uma história.** Revista do Arquivo Nacional, v. 16, n.1, p.117-124, 2003. Acessado em 27 jul. 2021. Online. Disponível em: encurtador.com.br/bcswU.

RUBIRA, L. **O Círculo de Estudos Cinematográficos (parte 1).** Diário Popular, Pelotas, 11 jan. 2020. Acessado em 27 jul. 2021. Online. Disponível em: encurtador.com.br/arlZ5.

SERVANO, M. **Cineclube: um espaço político, educativo e de formação de público.** Instituto de Cinema, s.d. Acessado em 27 jul. 2021. Online. Disponível em: encurtador.com.br/kpruS.